

“A Lenda de Korra”. Quebra de Convenções e Tensões Entre “Managers” e Criadores¹

David EHRLICH²
Mário MESSAGI JÚNIOR³
Universidade Federal do Paraná, Curitiba, PR

Resumo

O artigo faz um breve debate sobre a série animada “Avatar: A lenda de Korra”, produzida pelo canal infantil Nickelodeon, trabalhando com as ideias de quebras de convenções em programas infantis quanto a temas, violência e representatividades, e de tensões na produção cultural, usando a série como exemplo, que colocam, muitas vezes, em lados opostos, os “Managers” ou produtores executivos e os criadores dos produtos culturais.

Palavras-chave: “A lenda de Korra”; Nickelodeon; quebra de convenções; produtores executivos; criadores.

Apenas um mês após a exibição de seu último episódio, em dezembro de 2014, a série “Avatar: A lenda de Korra” foi eleita, pela segunda vez, a melhor série animada do ano pelo portal de entretenimento IGN, um dos 200 sites mais visitados do mundo na internet. Ao todo, a série recebeu, desde sua estreia em 2012 até o momento em que esse artigo é escrito, um total de 16 prêmios, em oito premiações diferentes. Além disso, em uma enquete feita pelo mesmo site, “A lenda de Korra” foi considerada a série terminada em 2014 que as pessoas mais sentiriam falta. É possível contestar essa premiação considerando que a série havia terminado muito recentemente, e desde sua primeira temporada cultivava uma forte comunidade de fãs, grande parte dos quais, aliás, já eram fãs da série da qual “A lenda de Korra” é continuação, “Avatar: A lenda de Aang”.

De todo modo, é preciso admitir que a série gerou uma comunidade de fãs não só significativamente grande, mas que se manteve fiel a ela até seu final. O feito pode ser considerado ainda mais relevante considerando os muitos problemas de produção e marketing pelos quais “A lenda de Korra” passou, que culminaram na interrupção de sua

¹ Trabalho apresentado no GP Ficção Seriada do XV Encontro dos Grupos de Pesquisa em Comunicação, evento componente do XXXVIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Estudante de Graduação 4º. semestre do Curso de Jornalismo da UFPR, email: davidehrlichbrasil@hotmail.com

³ Orientador do trabalho. Professor do Curso de Jornalismo da UFPR, email: messagiufpr@gmail.com

exibição na TV, no canal Nickelodeon, no meio de sua terceira temporada, tendo a segunda metade dessa e a quarta (e última) temporada sido exibidas online, através do site Nick.com.

Aqui, o artigo se dedica a investigar alguns dos elementos mais elogiados e polêmicos da série, muitos dos quais foram considerados não apenas responsáveis pela série de prêmios que ela recebeu ao longo dos anos, como também por muitos dos problemas que ela sofreu ao longo de sua produção, a maioria dos quais relacionados a representatividade, violência e temas.

Iremos examinar alguns aspectos da série quanto a seu enredo, propriamente dito, aos personagens e aos temas muito particulares que seus criadores, Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko, lhe deram, bem como certas passagens do próprio processo de produção de “A lenda de Korra”, que, de algum modo, se expõe ali, deixando claras as restrições e imposições que seus criadores sofreram. Por hipótese, portanto, o maior mérito da série está em quebrar uma série de paradigmas relacionados à programação infantil apesar dessas restrições. Por um lado, nos deixa diante de uma série que, apesar de uma trajetória problemática, tornou-se “um dos programas mais poderosos e subversivos de 2014”, como ela foi descrita por Joanna Robinson no artigo jornalístico “How a Nickelodeon Cartoon Became One of the Most Powerful, Subversive Shows of 2014” (Lançado originalmente em 19 de dezembro de 2014 no site da revista Vanity Fair). Por outro, nos faz encarar uma série que poderia ter tido um impacto muito maior e mais duradouro se não fossem as restrições impostas pela companhia que a produziu.

De fato, logo na primeira temporada, intitulada “Ar”, em 2012, “A lenda de Korra” revestiu-se de particularidades que contribuem talvez para a repercussão que teve: primeiro, é uma série infantil de aventura protagonizada por uma personagem feminina. Isso não seria estranho, considerando que sua série predecessora, “A lenda de Aang”, possuía personagens femininas com presenças fortes, porém em uma entrevista feita em 2013 ao programa “The INNERview”, da rede de televisão sul-coreana Arirang TV, e realizada por Susan Lee MacDonald (2013, disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IKhAHeLKsSY>>, tradução livre), Yoo Jae-myung, que trabalhou como diretor de animação para a série, revelou que “[os executivos da] Nickelodeon estava[m] relutante[s] em produzir essa série animada no começo porque a protagonista era uma garota”, e que por esse motivo a produção chegou a ser suspensa. Porém, segundo o co-criador Bryan Konietzko, em uma

entrevista à organização sem fins lucrativos NPR (National Public Radio), os executivos do canal foram eventualmente persuadidos a mudar de ideia depois que, em “Test screenings”, garotos disseram que Korra ser uma garota não importava para eles (2012, disponível em <<http://www.npr.org/2012/04/13/150566153/airbender-creators-reclaim-their-world-in-korra>>).

Outro detalhe significativo é o fato do enredo de “Ar” possuir a maior parte de seu espaço ocupado por temas sociopolíticos, algo incomum para uma série animada exibida em um canal infantil. O principal antagonista dessa temporada é Amon, um homem misterioso que, acreditando que os “dobradores” (nome dado ao longo de toda a franquia “Avatar” a pessoas que, dentro do mundo fantástico no qual ela se passa, são capazes de controlar os quatro elementos clássicos) são a origem de todas as desgraças ocorridas na história, cria um movimento revolucionário/terrorista chamado de “igualitários”, que procura livrar o mundo de “dobradores”.

É preciso lembrar, aqui, que “A lenda de Korra”, assim como “A lenda de Aang”, apesar de ser uma série animada produzida nos EUA, possui fortes influências, tanto no enredo quanto na animação, das animações japonesas, os animes. Outro elemento, mais controverso, no qual “A lenda de Korra” se inspira fortemente em animes é na representação da violência. Ao longo de suas quatro temporadas, um total de nove personagens principais (considerando principais os personagens cujos nomes são explicitados na série) morre em cena, a maioria deles de forma violenta. Apesar desse alto índice de violência, nos EUA a série manteve uma orientação parental TV-Y7, ou seja, foi considerada adequada para crianças acima de sete anos, embora com a restrição FV, que indica presença de “violência fantástica”, e no Brasil chegou a ser exibida na Band com classificação indicativa livre.

Há também um detalhe em “A lenda de Korra” que merece uma atenção especial: sua representatividade racial. Assim como em “A lenda de Aang”, a maioria dos personagens possui traços físicos típicos de populações asiáticas, com a exceção dos “dobradores” de água, dos quais a personagem-título faz parte, que, por viverem nos polos do mundo fantástico onde ambas as séries se passam, possuem uma pele mais escura, semelhante à de populações inuítes.

Na segunda temporada, “Espíritos”, enfatizou-se um ponto importante da série, apresentado apenas brevemente em “Ar”: a espiritualidade. Da mesma forma como o antagonista principal da primeira temporada, Amon, era um antagonista político, o da

segunda, Unalqa, é um antagonista espiritual, que convence Korra a abrir um “portal espiritual”, o que permitiria que humanos e espíritos entrassem e saíssem livremente de seus respectivos mundos. Apesar de seu enredo fantástico, “Espíritos” traz um debate sobre os perigos do fanatismo religioso. Por ter fortes inspirações em culturas asiáticas, o conceito de espiritualidade apresentado em “A lenda de Korra” é fortemente baseado no de filosofias orientais. Joanne Robinson destaca essa influência:

Como eu disse antes, esse não é um programa com uma agenda. [A série “A lenda de”] *Korra* não está forçando qualquer religião ou credo específicos. Mas ela *defende* vagos princípios Orientais de equilíbrio e prudência. Mais uma vez, bastante incomum para um programa infantil (ROBINSON, 2014, página única, tradução livre).

Essa busca por equilíbrio e prudência é, aliás, um elemento importante em toda a série. Ao longo de todas as suas quatro temporadas, a busca por equilíbrio, seja político, espiritual ou até mesmo psicológico, é sempre um elemento fundamental no enredo, e isso é representado em vários momentos em “Espíritos” de forma alegórica. Podemos citar, a título de exemplos: os espíritos Raava e Vaatu, que representam respectivamente a paz e o caos, e que embora possam enfraquecer significativamente um ao outro, jamais são completamente destruídos; a viagem de Korra pelo “mundo espiritual”, na qual ela é transformada em uma criança e, para voltar ao normal, precisa aprender a controlar suas emoções; e a discussão que há, ao final da temporada, se é possível ou não humanos e espíritos viverem em harmonia.

“Espíritos”, porém, assim como “Ar”, também foi marcada por um conservadorismo mercadológico, dessa vez principalmente por parte da exibição: enquanto a primeira temporada foi exibida na Nickelodeon aos sábados de manhã, considerado o “horário nobre” dos programas infantis, a segunda foi transferida para as sextas-feiras à noite, horário menos assistido por crianças. Essa mudança de horário, junto com um atraso de meio ano na estreia da temporada devido a problemas envolvendo o estúdio coreano Mir, responsável pela animação da primeira temporada – e sobre os quais os executivos da Nickelodeon por vários meses se recusaram a divulgar quaisquer informações, deixando os fãs em dúvida se haveria afinal uma segunda temporada -, resultaram em uma queda significativa de audiência, com a estreia de “Espíritos” tendo um público de apenas 2,6 milhões de expectadores, pouco mais da metade do público da estreia de “Ar”, de 4,5 milhões de expectadores.

Na estreia da terceira temporada, “Mudança”, os problemas de divulgação vistos em “Espíritos” se acentuaram: mais uma vez, os executivos da Nickelodeon se recusaram a divulgar quaisquer informações sobre a nova temporada até poucos meses antes de sua estreia, quando alguns episódios foram vazados na internet. Esse vazamento, junto com uma má divulgação – o primeiro trailer da terceira temporada foi lançado apenas algumas semanas antes de sua estreia – resultaram em um sucesso consideravelmente menor que o das temporadas anteriores, com um público de apenas 1,5 milhão de expectadores em sua estreia. Essa queda de público, junto com o fato de que os últimos dois episódios de “Espíritos” foram exibidos online no site Nick.com antes de sua exibição na TV e trouxeram recordes de audiência para o site, foram a explicação oficial para um dos maiores limites impostos pelos executivos da Nickelodeon à série: sua remoção abrupta da programação do canal na TV, no meio de “Mudança”, e sua transferência para a plataforma online.

Chegamos, enfim, à quarta e última temporada, “Equilíbrio”. Lançada inteiramente online apenas poucos meses após o fim da terceira temporada, esta merece um destaque especial por se aprofundar ainda mais nos temas “maduros” e na quebra de paradigmas notadas até então.

A história de “Equilíbrio” se passa três anos após o fim de “Mudança”. E, logo em seus primeiros episódios, é possível mais uma vez perceber quebras de convenções quanto a temas. A começar, a antagonista da nova temporada é Kuvira, que, além de ser uma vilã feminina em uma série de aventura, algo ainda relativamente incomum, merece destaque por, assim como Amon na primeira temporada e Zaheer na terceira, possuir fortes convicções políticas, procurando unir o Reino da Terra, em anarquia desde a morte da rainha Hou-Ting em “Mudança”, sob um regime baseado em princípios de ordem militar e xenofobia.

Outro tema incomum em programas infantis apresentado nos primeiros episódios é o transtorno de stress pós-traumático de Korra, que, após sua quase morte no final de “Mudança”, é apresentado em detalhes no segundo episódio de “Equilíbrio”, com a personagem tendo “flashbacks” dos eventos do final da temporada anterior, evitando contato com pessoas conhecidas e mostrando vários sinais de agitação.

Uma terceira quebra de convenção que ocorre nos primeiros episódios é na forma como os vilões são descritos: geralmente, em programas infantis que possuem antagonistas, suas personalidades, atos e motivos por trás destes são apresentados com pouca

profundidade e como sendo apenas “malignos”. Até mesmo em “A lenda de Aang”, não houve muito aprofundamento sobre os motivos das ações do principal antagonista da série, Ozai. No quarto episódio de “Mudança”, porém, há uma cena na qual a personagem Toph Beifong explica a Korra que esta pode aprender com os inimigos que havia enfrentado até então. Ela diz:

Ouçã, o que Amon queria? Igualdade para todos. Unalaq? Ele trouxe de volta os espíritos. E Zaheer acreditava em liberdade. (...) O problema foi que, esses caras estavam totalmente fora de equilíbrio e eles levaram suas ideologias longe demais (Episódio 43, 2014, tradução livre).

A maior quebra de convenção, porém, não apenas de “Equilíbrio”, mas também de toda a série, ocorreu em seu último episódio. É um dos pontos mais polêmicos da série, e também considerado um dos maiores sinais de limites impostos sobre o programa pelos executivos da Nickelodeon.

O último episódio da série começa com Korra e seus aliados lutando contra Kuvira, que está de posse de Colosso, uma arma capaz de canalizar a energia obtida através de “vinhas espirituais” (uma referência às armas de destruição em massa). Após a morte violenta do personagem Hiroshi Sato (a nona e última da série), a destruição de Colosso, Korra salvar Kuvira de um raio de energia transformando este em um “portal espiritual” e a protagonista convencer a rival dos problemas em suas ações, o que faz esta se render, ocorre o casamento entre os personagens secundários Varrick e Zhu Li. Durante a festa, Korra conversa com sua amiga Asami Sato, e após conversarem sobre os eventos ocorridos ambas decidem “tirar férias” no “mundo espiritual”.

O episódio termina com Korra e Asami de mãos dadas, olhando para o rosto uma da outra, enquanto atravessam o “portal espiritual”.

Quando o episódio foi lançado, imediatamente começaram debates entre fãs quanto a se a cena final estaria indicando um interesse romântico entre as duas personagens ou não. Por um lado, havia vários indícios de que sim: a pose de Korra e Asami ao entrarem no portal era muito parecida com a pose nupcial de Varrick e Zhu Li na cena do casamento; além disso, a cena e sua trilha sonora lembravam a cena final de “A lenda de Aang”, na qual o protagonista, Aang, oficializa seu relacionamento com a personagem Katara. Por outro lado, porém, muitos fãs lembraram de que ao longo da série houve poucos, senão nenhum, sinal de que as duas personagens teriam qualquer interesse romântico uma pela outra, uma “falta de química”.

A resposta foi dada alguns dias depois pelos próprios criadores da série.

Primeiro, Michael Dante DiMartino escreveu em sua página no Tumblr:

Nossa intenção com a última cena foi deixar tão claro quanto possível que sim, Korra e Asami têm sentimentos românticos uma pela outra. O momento em que elas entram o portal espiritual simboliza sua evolução de serem amigas para serem um casal. (DIMARTINO, 2014, página única, tradução livre).

Logo em seguida, Bryan Konietzko escreveu em sua própria página no mesmo site:

Korrasami [nome dado pelos fãs ao relacionamento romântico (ou *shipping*) entre as duas personagens] é oficial. Você pode celebra-lo, aceita-lo, supera-lo, ou o que quer que você sinta a necessidade de fazer, mas não há como nega-lo. Essa é a história oficial (KONIETZKO, 2014, página única, tradução livre, grifo nosso).

Para começar a discussão teórica sobre a série, é preciso enfatizar a importância da influência que as animações japonesas têm sobre “Avatar”, pois os japoneses possuem um ponto de vista muito menos conservador do que os americanos em relação à programação infantil: animes infantis, principalmente os de aventura, frequentemente possuem personagens principais femininas (ou, pelo menos, personagens femininas com presenças fortes), e seus enredos são muitas vezes consideravelmente mais complexos que os de séries animadas americanas, com intrigas sociopolíticas sendo comuns nessas animações. Por um lado, tal inspiração ajudou a franquia “Avatar” a se tornar um grande sucesso de público, considerando o grande espaço que animes tem conseguido na programação infantil de países ocidentais desde o início dos anos 1990. Por outro lado, a repercussão alcançada pelos animes, com seus temas mais “maduros” em relação aos das animações ocidentais, pode ser considerada um dos motivos que permitiram a Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko assumirem maiores riscos ao criarem os enredos de suas próprias séries. Esse mesmo sucesso que os animes, com sua estética diferenciada, tem tido no ocidente, pode ser relacionado com o conceito de “rupturas instáveis” de Fabrício Silveira, descrito como os

(...) investimentos feitos com o objetivo de alterar ou desestabilizar – nem que seja em parte, ao menos, ou mesmo provisoriamente – certos hábitos culturais, certas convenções produzidas ao longo dos anos (SILVEIRA, 2013, p. 7).

Em outras palavras, o grande espaço aberto para animes na programação infantil de países ocidentais pode ser considerada uma estratégia de ruptura, feita para renovar o mercado de séries animadas, de forma que este não perca público por exaustão de convenções. Os criadores de “A lenda de Korra” utilizaram-se dessa ruptura “muito sutil, tímida, arrastada, transcorrendo ao longo de muito tempo, com paciência e parcimônia”, como descreve Silveira (2013, p. 21), para criar uma série livre de muitas antigas convenções.

Através de suas quatro temporadas, “A lenda de Korra” foi capaz de, apesar de fortes limites impostos pelos executivos da Nickelodeon, quebrar convenções quanto a programação infantil ligadas a temas, violência, representação de gênero, racial e, por fim, sexual. Escreve Michael Dante DiMartino:

Os temas principais do universo Avatar sempre giraram em torno de igualdade, justiça, aceitação, tolerância, e equilibrar visões de mundo diferentes. De formas sutis e talvez não tão sutis, *Avatar* e *Lenda de Korra* lidaram com assuntos difíceis como genocídio, abuso infantil, morte de pessoas amadas, e stress pós-traumático. Eu aceitei como um elogio quando Joanna Robinson da Vanity Fair chamou o programa de subversivo. Houve momentos em que até eu fiquei surpreso que fomos capazes de nos aprofundar nas coisas realmente difíceis em um canal de TV para crianças. (...) E ao longo de anos ouvimos de numerosos fãs, em pessoa e online, como Avatar e Korra influenciaram suas vidas para melhor ou os ajudaram a superar uma dificuldade ou contratempo de vida (DIMARTINO, 2014, página única, tradução livre, grifos do autor).

Isso mostra como um produto da indústria cultural é capaz de veicular ideologias heterodoxas antagônicas aos valores da sociedade, de forma semelhante a qual Adorno se refere ao cinema em citação no artigo “A escola de Frankfurt e a questão da cultura”, de Renato Ortiz:

Se hoje podemos ver na Alemanha, em Praga, mesmo na Suíça conservadora e na Roma católica, moços e moças cruzando as ruas abraçados e beijando-se uns aos outros, então eles aprenderam isso, e provavelmente mais, com os filmes...(ADORNO, apud ORTIZ, 1985, página única).

Não é impossível, assim, dizer que, mesmo tendo sido retirado da TV, e mesmo com todos os limites impostos pelos produtores executivos, em um futuro próximo haverá mais pessoas propagando ideias de tolerância e equilíbrio, e elas terão aprendido isso com “A

lenda de Korra”. De certa forma, isso também se relaciona com o que Umberto Eco diz sobre os *mass media* em “Apocalípticos e integrados”:

(...) indiscutivelmente, sensibilizam o homem contemporâneo nos confrontos do mundo; e na realidade, as massas submetidas a esse tipo de informação parecem-nos bem mais sensíveis e participantes, no bem e no mal, da vida associada, do que as massas da antiguidade, propensas a reverências tradicionais nos confrontos de sistemas de valores estáveis e indiscutíveis. Se esta é a época das grandes loucuras totalitárias, também não é a época das grandes mutações sociais e dos renascimentos nacionais dos povos subdesenvolvidos? (ECO, 2008, p. 47).

Todos os temas, representatividades e quebras de convenções abordados até aqui são muito importantes para a análise de “A lenda de Korra”, pois a série deixa-se influenciar por eles e pelo contexto em que foi produzida, um contexto onde encontramos um conservadorismo mercadológico em conflito com novos procedimentos estéticos, sobretudo no universo da indústria televisiva – muitos críticos chegam a afirmar que a TV a cabo está atualmente passando por uma “renascença”, com séries como “Breaking bad” e “Game of thrones”, que fogem de convenções narrativas e estéticas pré-estabelecidas. Essa “renascença” não passou despercebida pelos programas infantis, e “A lenda de Korra” entrou “de cabeça” nela, rompendo com convenções logo em sua primeira temporada. O sucesso inicial de público – sua estreia teve um público estimado em 4,5 milhões de espectadores nos EUA, tornando-o o programa infantil mais assistido na TV a cabo naquela semana – incentivou os criadores da série a continuarem fugindo das convenções estéticas. Essa fuga continuou mesmo após o fim da transmissão da série na TV e sua transferência para a plataforma online. A força da série está um pouco nisso: no chamamento que ela faz à quebra de convenções e paradigmas considerados conservadores e ultrapassados. Pôde-se reparar, apenas em “Ar”, que “A lenda de Korra” rompeu já com tradições em programação infantil envolvendo representação de gênero, representação racial, discussão sociopolítica e violência. Sobre a representação racial, Joanna Robinson (2014) dá um importante destaque:

Ouça, o que quer que Korra *seja*, ela não é branca como um lírio. E, apesar do fato de que a televisão infantil está se tornando cada vez mais diversa, uma heroína valente e forte que não é Caucasiana ainda é um fator importante (ROBINSON, 2014, página única, tradução livre, grifo do autor)

Nesse ponto, é importante notar que a série foi feita após o filme do diretor M. Night Shyamalan “O último mestre do ar”, lançado em 2010 e baseado na primeira temporada de “A lenda de Aang”, que, entre vários outros pontos, foi criticado por ter um elenco principal majoritariamente caucasiano. Joanna Robinson também cita a má representação étnica do filme: “O programa não se passa em nosso mundo, mas, como eu mencionei antes, tem uma influência Oriental inquestionável. É por isso que o elenco majoritariamente branco no filme de Shyamalan foi tão controverso” (ROBINSON, 2014, tradução livre, página única).

Embora não tenha sido dada uma explicação oficial para a transferência da série para as sextas-feiras durante “Espíritos”, houve especulações entre fãs de que ela ocorreu devido ao seu conteúdo, considerado “adulto demais” para o público infantil. Joanna Robinson baseia-se fortemente nessa teoria: “Depois de matar um personagem em cena no final da Temporada 1, *Korra* foi considerado arriscado e adulto demais para o público de sábado de manhã e foi transferido para as noites de sexta-feira” (ROBINSON, 2014, tradução livre, página única). Outra teoria, apresentada por Jen Trolio no artigo jornalístico “*The Legend of Korra* Finally Has a Season 2 Premiere Date” (publicado originalmente em 15 de agosto de 2013 no site tv.com), diz que a transferência ocorreu para abrir espaço para mais premiações:

Enquanto o programa não irá necessariamente *permanecer* nas sextas-feiras à noite – parece que a Nick tem tomado algumas liberdades ultimamente com a programação de seus programas animados – nosso próprio Noel Kirkpatrick (que estará resenhando Livro 2 [As temporadas de “Avatar” são chamadas de “livros”] semanalmente!) apontou para mim que a estreia na sexta-feira à noite talvez tenha sido planejada para abrir a elegibilidade ao Emmy de Horário Nobre do programa (TROLIO, 2013, página única, tradução livre, grifo do autor).

Em uma entrevista realizada por Ben Blacker e publicada no site nerdist.com em 19 de agosto de 2014, porém, DiMartino e Konietzko explicaram que é comum na Nickelodeon os programas das manhãs de sábado mudarem de horário após a primeira temporada, e que ficaram surpresos que “A lenda de Korra” chegou a ser exibida nesse horário, considerando que “A lenda de Aang” foi exibida no horário nobre de sexta-feira e foi um sucesso de público:

Nós sempre fomos um programa de horário nobre de sexta-feira. [“A lenda de Aang”] foi ao ar nas noites de sexta-feira e se saiu muito bem. (...) Quando nós voltamos, achávamos que iríamos manter as coisas nas noites de

sexta-feira, que esse é nosso horário. (...) [“A lenda de Korra”] Se saiu muito bem sábado de manhã, mas isso foi quatro anos depois, então nós ficamos surpresos. (...) Mas então eles [Os executivos da Nickelodeon] sempre tiravam os programas novos de lá depois de uma temporada, ao que parece, desse horário, então acabou na sexta-feira à noite, e se saiu mal. (...) Assim como a coisa do sábado de manhã, eles sabiam de algo que não sabíamos, mas foi simplesmente estranho para o Livro 3, eles o colocarem de volta na sexta-feira à noite, que já tinha mostrado não ser um bom horário para nada, e combinado com falta de conhecimento, teve avaliações de público ainda mais baixas que o Livro 2 (BLACKER, 2014, tradução livre).

Percebe-se nisso um fator importante dentro das tensões entre os executivos da Nickelodeon e os criadores da série: muitos das explicações por trás de mudanças, transferências e até mesmo cortes na produção e exibição de “A lenda de Korra” são meras especulações, pois foram dadas poucas explicações oficiais para estas por parte dos produtores executivos. É possível ver, acompanhando as postagens de alguns dos responsáveis pela série no twitter, que eles próprios não estavam cientes muitas vezes dos motivos por trás dessas mudanças, ou então que não tinham permissão para revelar detalhes. Alguns exemplos são os dos dubladores David Faustino e Janet Varney, responsáveis, respectivamente, pelas vozes dos personagens Mako e Korra. Ao longo do fim de 2012 e início de 2013, ambos postaram em suas páginas no twitter que a segunda temporada seria lançada em abril de 2013 (FAUSTINO, 2012, página única, disponível em <<https://twitter.com/davidfaustino/status/245234276830965760>>; VARNEY, 2013, página única, disponível em <<https://twitter.com/janetvarney/status/316625124012990464>>). David Faustino, porém, mais tarde afirmou que aquilo era apenas uma suposição, e quando perguntado mais tarde sobre a data de estreia brincou que ela era um “antigo segredo chinês” (FAUSTINO, 2013, página única, disponível em <<https://twitter.com/DavidFaustino/status/292862431502422016>>). Janet Varney, por outro lado, apenas dois dias após escrever que a segunda temporada estrearia em abril, publicou que aquilo havia sido um caso de “desinformação”, e que havia “muitos rumores/falta de comunicação” (VARNEY, 2013, página única, disponível em <<https://twitter.com/janetvarney/status/317484683829059584>>).

Essa mesma falta de comunicação pôde ser percebida, segundo os criadores da série na entrevista no site nerdist.com, na transferência da série para a plataforma digital:

Bem, na verdade nós provavelmente descobrimos [a transferência] depois que algumas outras pessoas descobriram (...) é uma longa história que provavelmente até nós não sabemos todos os detalhes do que acontece lá nos

altos escalões da Nickelodeon, mas não começou bem porque eles colocaram [“Mudanças”] na TV com uma semana de aviso, com pouquíssima publicidade. (...) Então nós descobrimos que estava sendo tirado [do canal na TV] e agora você pode apenas assisti-la online, então é um monte de mensagens mal-entendidas, um monte de mudanças repentinas (BLACKER, 2014, tradução livre).

A queda de audiência da série na TV e o aumento desta online não convenceram muitos fãs quanto a serem os únicos motivos para a transferência da série para a plataforma digital, especialmente considerando que esta ocorreu logo após a morte violenta da personagem Hou-Ting, sufocada pelo vilão de “Mudança” Zaheer (que, sendo um vilão com fortes convicções sociopolíticas, acreditava que a desordem e o caos são a forma natural de existência da humanidade, e, portanto, todos os reis e líderes devem ser exterminados). Joanna Robinson também especula sobre os motivos que levaram ao fim da transmissão da série na televisão:

(...) *Korra* continuou exibindo material sombrio. Isso, junto com avaliações de público abaixo-do-excelente, um vazamento de episódios em mau momento, e um número de fatores misteriosos por trás das cenas, resultaram na mudança surpreendente para *Korra* apenas online. Em suas últimas temporadas, *Korra* tornou-se perigoso demais, arriscado demais para a Nick exibir (ROBINSON, 2014, página única, tradução livre, grifo do autor)

Ao explicarem a mudança de plataforma na convenção San Diego Comic-Con (Citação de Katharine Tendracosta em artigo jornalístico publicado no site “io9” em 25 de julho de 2014), os criadores Michael Dante DiMartino e Bryan Konietzko, embora tenham explicado o motivo mercadológico para essa mudança, também falaram brevemente que

Não é segredo que Avatar, especialmente Korra, não é um programa típico da Nickelodeon. E portanto tem sido um tanto difícil para eles [os executivos do canal] encaixá-lo em sua programação (TENDRACOSTA, 2014, página única, tradução livre).

A morte de mais três personagens ao final de “Mudança” fortaleceu ainda mais as especulações de que a transferência ocorreu para evitar que crianças assistissem tal violência. E, na entrevista ao nerdist.com, DiMartino e Konietzko até citam essas especulações baseadas no episódio da morte de Hout-Ting:

É um episódio bastante intenso, onde uma personagem morre quase em cena (...) Então todos os fãs logo presumiram que foi por isso que eles fizeram

isso [a transferência para a plataforma digital] (...) De novo, eu não acho que eles [os altos executivos da Nickelodeon] realmente se importam, não tenho certeza de que eles assistiram o episódio, você não pode adivinhar essas coisas. Nós não sabemos metade do tempo o que está acontecendo, porque todas essas pessoas estão em Nova York (BLACKER, 2014, tradução livre).

Por fim, na quarta temporada, mais uma vez “A lenda de Korra” quebrou uma convenção, e uma extremamente significativa: a de que não se pode mostrar um relacionamento LGBT em um programa infantil. E, segundo Konietzko, ele e DiMartino também tiveram problemas em ultrapassar esse forte limite, o que explicaria a tal “falta de química” entre as personagens:

No começo nós não lhe demos [à Korrasami] muito peso, não porque nós achamos que relacionamentos de mesmo sexo são uma piada, mas porque nós nunca assumimos que era algo com que poderíamos em algum momento nos livrar ao representar em um programa animado para um canal infantil (...) Nós ainda operávamos sob essa noção, outra “regra não-escrita”, de que não teríamos permissão de representar aquilo em nosso programa. (...) Mas à medida que nos aproximávamos de terminar o final, o pensamento me atingiu: Como é que eu sei que não podemos abertamente representar aquilo? Ninguém jamais disse assim explicitamente. Era apenas outra hipótese baseada em um paradigma que marginaliza pessoas não-heterossexuais. Se queremos ver esse paradigma evoluir, precisamos assumir uma posição contra ele. (...) Nós abordamos o canal e enquanto eles foram solidários havia um limite quanto a quão longe poderíamos ir com isso (...) Se parece do nada para você, eu acho que uma segunda olhada nas últimas duas temporadas iria mostrar que talvez você estivesse olhando para isso apenas através dos olhos de um hétero (KONIETZKO, 2014, página única, tradução livre).

REFERÊNCIAS

BLACKER, Ben. **NERDIST WRITERS PANEL #154: LEGEND OF KORRA/AVATAR: THE LAST AIRBENDER.** 88’35’’. Disponível em: <<http://nerdist.com/nerdist-writers-panel-154-legend-of-korraavatar-the-last-airbender/>>. 2014. Acesso em julho de 2015 (Tradução livre).

DIMARTINO, Michael Dante. **Korrasami Confirmed.** Acessado em: <<http://michaeldantedimartino.tumblr.com/post/105916326500/korrasami-confirmed-now-that-korra-and-asamis>>. 2014 (Tradução livre, página única).

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados.** São Paulo: Ed. Perspectiva, 2008.

FAUSTINO, David (DavidFaustino). ““@Lynner2010_O: @DavidFaustino New Korra? xDDDD” I think April, no??”. 10 de Setembro de 2012, 3:56 pm. Tweet (Tradução livre, página única).

FAUSTINO, David (DavidFaustino). ““@Lyshaaaaa: @DavidFaustino What date is ‘The Legendo of Korra’ coming out?????” #AncientChineseSecret ;)”. 19 de Janeiro de 2013, 21:13 pm. Tweet (Tradução livre, página única).

KONIETZKO, Bryan. **Korrasami is canon.** Acessado em <<http://bryankonietzko.tumblr.com/post/105916338157/korrasami-is-canon-you-can-celebrate-it-embrace>>. 2014 (Tradução livre, página única).

MACDONALD, Susan Lee. **The INNERview #61 – Yoo Jae-myung (유재명), Animation director.** 50’28’’. Disponível em <<https://www.youtube.com/watch?v=IKhAHeLKsSY>>. 2013. Acesso em julho de 2015 (Tradução livre).

ORTIZ, Renato. **A escola de Frankfurt e a questão da cultura.** São Paulo, 4 de agosto de 1985. In: Portal das Ciências Sociais Brasileiras: <www.portal.anpocs.org/publicacoes>. Acessado em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_01/rbcs01_05.htm> (página única).

ROBINSON, Joanna. **How a Nickelodeon Cartoon Became One of the Most Powerful, Subversive Shows of 2014.** Acessado em <<http://www.vanityfair.com/hollywood/2014/12/korra-series-finale-recap-gay-asami>>. 2014 (Tradução livre, página única).

SILVEIRA, Fabrício. **Rupturas instáveis – Entrar e sair da música pop.** Porto Alegre: Ed. Libretos Universidade, 2013.

TENDRACOSTA, Katharine. **Creators of *The Legend of Korra* Explain the Show's Not-Cancellation.** Acessado em <<http://io9.com/creators-of-the-legend-of-korra-explain-the-shows-not-c-1611119124>>. 2014 (Tradução livre, página única).

TROLIO, Jen. ***The Legend of Korra* Finally Has a Season 2 Premiere Date.** Acessado em: <<http://www.tv.com/news/the-legend-of-korra-finally-has-a-season-2-premiere-date-137659067532/>>. 2013 (Tradução livre, página única).

ULABY, Neda. **‘Airbender’ Creators Reclaim Their World In ‘Korra’.** Acessado em: <<http://www.npr.org/2012/04/13/150566153/airbender-creators-reclaim-their-world-in-korra>>. 2012 (Tradução livre, página única).

VARNEY, Janet (janetvarney). “@nicholasbloom1 Hi Nicholas! Yes! It comes out in April!”. 26 de Março de 2013, 11:58 am. Tweet (Tradução livre, página única).

VARNEY, Janet (janetvarney). “Misinformation alert! Korra premiere has NOT been annc’d. Lots of rumors/miscommunication-let’s wait for oficial news from @NickelodeonTV”. 28 de Março de 2013, 20:53 pm. Tweet (Tradução livre, página única).